

Capítulo 2

O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje

“Não me lembro mais qual foi nosso começo. Sei que não começamos pelo começo. Já era amor antes de ser” (Clarice Lispector)

Thiago de Almeida
Taisa Cristina Del Vecchio
Maria Luiza Lourenço

Os relacionamentos afetivo-sexuais ao longo das décadas do século XX

Para nossa sociedade ocidental, as relações amorosas ocupam um papel central na vida. Para alguns autores (*e.g.* NEVES, 2008), o amor tem sido entendido como a base para as interações sociais, e a chave de todas as escolhas humanas. Os relacionamentos amorosos são plurais em suas muitas etapas, múltiplas facetas, diversidade de intensidade. Cada pessoa vive seu relacionamento diferente do outro, apesar de serem parecidos entre si. Ao que parece, ao menos contemporaneamente, a maioria das pessoas quer desenvolver um relacionamento amoroso duradouro e satisfatório. Os relacionamentos amorosos ao longo do tempo foram sofrendo inúmeras modificações. Este capítulo tem como objetivo apresentar as mudanças nas relações amorosas des-



de o início do século XX até os dias atuais, levando em considerações alguns aspectos históricos, socioeconômicos, políticos, religiosos e culturais de cada década.

Década de 1900 a 1920

Partindo da premissa que os namoros, anteriores à década de 1900, não eram manifestados pela motivação ao engajamento de cada um dos componentes envolvidos, mas sim, que os jovens que viviam anteriormente a época tinham seu futuro decidido pela imposição familiar, esses eram obrigados a entregar sua vida e a sua intimidade para pessoas que sequer conheciam, mas que eram escolhidas para eles por questões de conveniências familiares e políticas (MATOS; CARNEIRO; JABLONSKI, 2005). Assim eram constituídos, ou melhor, formados a maioria dos relacionamentos amorosos da década de 1910, um período marcante para a história da humanidade, pois nesta época ocorreu a Primeira Guerra Mundial, um tempo de grande imposição política e hierárquica.

De acordo com Lins (2012) a primeira metade do século XX se caracterizou por uma busca crescente de prazer sexual. Se antes, eram utilizados termos vagos e uma linguagem romântica e rebuscada ou mesmo neutra e distanciada, herança do século XVIII, para se referir ao engajamento sexual como “partes sexuais” e “relações” que, de acordo com Hunt (1963): “Eram expressões convencionais, polidas e formalizadas, de modo a permitir que alguém se referisse a uma emoção ao mesmo tempo que quase lhe eliminava a força” (p. 254), sofreram profundas transformações e passaram a ser intituladas como “pênis”, “vagina”, “coito”.

No começo do século, o melhor lugar para o flerte acontecer era a missa, onde os jovens trocavam olhares, beliscões e piscadelas (DEL PRIORE, 2006). Um homem não se dirigia a uma mulher se não houvesse sido apresentado. A relação só seguiria adiante se o homem fosse um pretendente em potencial e se apresentasse formalmente. O encontro acontecia na casa da jovem e na presença dos pais.



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

Nas primeiras décadas do século XX, toda a ameaça ao casamento era alvo de ferozes críticas. O tema do divórcio, por exemplo, era considerado “imoral”; “a pior chaga da sociedade”; “só em casos excepcionais e depois de rigorosíssimo processo” (DEL PRIORE, 2006).

A partir do período entre as guerras, a moral sexual, de rígida que era, foi se tornando cada vez mais liberal. Até então, geralmente, o primeiro contato sexual entre o novo casal formado podia ser desastroso, pela própria ignorância dos seus constituintes, para o resto da vida de um casal. De acordo com Del Priore (2006):

A repressão sexual era profunda entre mulheres e estava relacionada com a moral tradicional. A palavra sexo não era nunca pronunciada e saber alguma coisa ou ter conhecimentos sobre a matéria, fazia que elas se sentissem culpadas. Tal distanciamento da vida real criava um abismo entre fantasia e realidade. Obrigadas a ostentar valores ligados à castidade e à pureza, identificadas pelo comportamento recatado e passivo, quando confrontadas com o marido, na cama, o clima de conto de fadas se desvanecia. (p. 270)

Apesar de a Igreja só aceitar o sexo no casamento para a procriação e, portanto, o prazer sexual ainda ser visto como pecado, um número crescente de pessoas defendia que o amor e o prazer estavam associados. Assim, as interdições, uma vez relativizadas, caíam paulatinamente.

Toda a hierarquia da época influenciava as questões sociais, as noções de tempo e espaço, seus modos de perceber os objetos e, mesmo a maneira de organizar as afeições ou de sentir os outros seres humanos. Contudo, apesar das transformações que chegavam, o Código Civil de 1916 mantinha o compromisso com o Direito Canônico e com a indissolubilidade do vínculo matrimonial. Nele, a mulher era considerada altamente incapaz para exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e de inferioridade perante o marido. Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa em forma de dote e fixar o domicílio do casal (DEL PRIORE, 2006).



Década de 1920

O período de dez anos após a Primeira Guerra Mundial, conhecido como “Os anos loucos” (de 1920 a 1929), caracterizado como um período de grande prosperidade econômica. De acordo com Del Priore (2006) e Lins (2012) a guerra, terminada há pouco, é uma triste lembrança que deveria ser banida para bem longe. Inaugura-se então um novo estilo de vida, onde todos deveriam aproveitar ao máximo o momento presente. Ser diferente, libertar-se das amarras de preconceitos vividos há tanto tempo, era a grande aspiração da época. Enquanto, na França, Paris transforma-se em um berço de entretenimento, luxo e cultura, nos Estados Unidos, quem melhor representa o período é o escritor F. Scott Fitzgerald, por meio de seu livro “O grande Gatsby”. Nessa obra, Fitzgerald revela bem como é a mentalidade da época: a vida deve ser aproveitada ao máximo em termos de diversão. Este romance, publicado pela primeira vez em 10 de abril de 1925, a história passa-se em Nova Iorque e na cidade de Long Island durante o verão de 1922, e é uma crítica ao “Sonho Americano”. “O grande Gatsby” relata o caos da Primeira Guerra Mundial e o enriquecimento americano. Este romance está impregnado com a percepção do autor Fitzgerald, assim como da personagem Nick Carraway, que embora convivam com os ricos, com os requintes e com o glamour da época, não se conformavam com o materialismo desenfreado e com a falta de moral, que traziam consigo uma certa decadência para a sociedade americana.

A sociedade americana vive um nível sem precedentes de prosperidade durante a década de 1920, assim como a sua economia. Uma onda de consumismo abateu-se sobre este país. Cada vez mais os americanos tinham carros, eletrodomésticos, rádio, telefone etc. O nível de bem-estar e de riqueza da população em geral estava cada vez mais alto. Esta prosperidade deve-se ao fato de os EUA terem sido os principais fornecedores países europeus, exportando grandes quantidades de produtos industrializados, alimentos e capitais (sob a forma de empréstimos) tanto na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) bem como depois da dela. Com isso houve uma ascensão econômica da classe média.



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

Após a guerra, os EUA reforçaram a concentração capitalista com a construção de grandes empresas que dominavam os setores mais importantes, formaram-se as holdings que por meio da compra de ações dominavam um grande número de empresas, e surgiu uma nova técnica de trabalho, o Fordismo, fundamentada em princípios como o Taylorismo, que diminuiu os custos de produção e aumentou os produtos a serem comercializados. Concomitantemente, a proibição de produção e consumo de bebidas alcoólicas, ordenada pelo 18º adiamento, fez grande número de milionários fora do circuito de venda de mercadorias e provocou um aumento do crime organizado. Em Chicago, traficantes e comerciantes ilegais, como Al Capone, montaram grandes esquemas que lucravam com a venda ilegal de bebidas (NÉRE, 1981).

Paralelamente a esses acontecimentos, observa-se que a bolsa de valores produz, a todo momento, novos milionários que ajudam a promover festas deslumbrantes. Nesta década, os relacionamentos amorosos apresentavam novas diferenças, pois, em 1920, iam tomando outro mecanismo de constituição. O mundo neste período, mais diretamente a Europa, sofria com as consequências da Primeira Guerra Mundial, o que permitiria a ascensão do Nazismo. Em contrapartida a este acontecimento, o Brasil, em 1922, vive a “Semana da Arte Moderna”, realizada, no Teatro Municipal de São Paulo, que contou com a participação de escritores, artistas plásticos, arquitetos e músicos, tendo como objetivo renovar o ambiente artístico e cultural da cidade. Eram nesses espaços que os jovens da época encontravam oportunidades e criavam possibilidades de se relacionar.

Durante os Anos Loucos, o jazz e o charme das melindrosas, como eram chamadas as garotas que estavam na moda — cabelos curtos, chapéu cloche, vestido franjado dançando o charleston contribuíram para a mudança das mentalidades (LINS, 2012). Ainda, segundo a autora, saber dançar conquistou uma grande importância e era considerado um passaporte indispensável para o amor. Os jovens adquiriram o hábito de sair aos domingos, de dançar juntos, de se rever. Os pais eram informados com quem seus filhos iam aos bailes. Alguns pais tentavam



impedir a filha de sair, mas havia um conflito porque eles sabiam que elas precisavam arranjar um marido. Por conta disso, aos poucos os jovens adquiriram mais liberdade.

Diferentemente dos espartilhos do século XIX, os vestidos, mais curtos, que deixavam braços e costas à mostra se tornavam cada vez mais populares. Ainda de acordo com Lins (2012) as novas indumentárias quebraram bruscamente a silhueta de cintura marcada; esta foi deslocada para baixo, no meio do quadril. Usavam-se também vestidos totalmente retos. Essa nova moda facilitava os movimentos agitados exigidos pelo o ritmo do charleston. Os colares de pérolas longos, até abaixo da cintura, tornaram-se indispensáveis quando as jovens dançavam. A moda mistura elementos masculinos e femininos. A mulher sensual era aquela sem curvas, sem seios e com quadris pequenos.

Nessa época era muito comum a manifestação do footing, que surgiu na primeira metade da década de 20. O footing era uma prática na qual os jovens se encontravam na praça, geralmente às voltas das igrejas matrizes de cada cidade. No footing, as moças chegavam sempre juntas e ficavam caminhando, enquanto os rapazes ficavam parados, havendo apenas o flerte, apenas olhos nos olhos. De repente ou não, pois, dependia também de uma certa atitude de cada uma das partes, o flerte se efetivava, os olhares se cruzaram, aquela sensação de borboleta no estômago tomava outra e grande proporção. Entre interações tímidas, os olhares poderiam, ou não, evoluir para um acesso em direção à pretendente. Na situação na qual o rapaz se interessava por alguma moça, ele fazia sinal com cabeça como se estivesse pedindo permissão para se aproximar. Caso isso acontecesse, o casal iniciava a conversa, que não passava de diálogos simples como se fosse uma apresentação pessoal e um relacionamento poderia surgir a partir desse momento.

Não havia nesta época muitas oportunidades de lazer entre os jovens, então toda situação se esbarrava na prática do footing, ou seja, o vai e vem descompromissado em que o flerte era regra. Toda uma prática de sedução e de sensualidade principalmente por parte das moças aconteciam neste ir e vir. Esse era o programa da juventude solteira.



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

Outra forma de aproximação da época era o rapaz dedicar para moça uma música, que era reproduzida pelo meio de autofalantes. Assim, se dava como uma concreta manifestação de interesse sério, ou seja, intenção de namoro. O segurar as mãos somente era permitido depois de um mês de convivência e sempre acompanhado por um parente, sendo este denominado de “segura vela”. Se um rapaz aparecesse de mãos dadas com uma garota na praça ou na avenida é porque tinha assumido um compromisso e, desta forma, estava inapto para outro relacionamento, em outras palavras da época, estava “inutilizado para outros amores”. Outros meios também de lazer era o convite para tomar um sorvete com waffle ou um guaraná, a bebida alcoólica não fazia parte do cotidiano desses jovens.

Nesta época, a religião católica era dominante as pessoas se encontravam nas igrejas e algumas vezes tinham festas chamadas de “hora dançantes”, que não passavam da meia noite, porém sempre acompanhados. Pela madrugada, após as famílias se recolherem alguns tipos singulares se apresentavam como, por exemplo, as prostitutas, cafetões e gigolôs. Tudo o que ocorria fora do horário dito próprio para moças de famílias circularem era noticiado nos jornais e comentados por todos.

Década de 1930

O período após a Primeira Guerra Mundial não foi de euforia e diversão para todos. De acordo com Lins (2012) o isolamento e o anonimato, derivados do processo da industrialização, fizeram com que grande parte das pessoas buscasse vínculos mais firmes e um sentido da importância individual. Na década de 1930, muitos filmes e peças de teatro abordavam o amor, especialmente sob os aspectos do desânimo da felicidade ocasional.

Até por volta de 1925, os países europeus lutavam com dificuldades para reconstruir a Europa, arrasada pela guerra. À medida que a reconstrução da Europa foi se reorganizando, Inglaterra, Alemanha e França procuraram atualizar seus sítios industriais e tomaram uma série de medidas protecionistas para reduzir as importações norte-americanas.



Após uma década de euforia, a alegria dos Anos loucos chegou ao fim com a crise de 1929. Ao se aproximar o ano de 1929, os EUA produziam uma enorme quantidade de mercadorias para as quais não existiam compradores. Os preços das mercadorias despencavam e mesmo assim, não encontravam consumidores. A queda no comércio interno ocorreu porque os trabalhadores, que eram boa parte da população, recebiam baixos salários e não tinham recursos para comprar muitos produtos. A crise atingiu o mercado de ações e em 24 de outubro de 1929, com o acontecimento denominado de “quinta-feira negra” ocorreu o crack da Bolsa de Valores de Nova York (NÉRE, 1981). Muitos suicídios ocorreram atrelados a esses acontecimentos. No entanto, de acordo com Hickman (1999):

A crise chegou. Os donos dos bordéis americanos pensaram que iam falir. Mas, na realidade, havia mais clientes do que capacidade para recebê-los: os falidos desesperados vinham em busca de sexo como última etapa antes do suicídio. ‘Eles se portavam como sátiros’, conta um proprietário; ‘atmosfera era mais para asilo do que para bordel’, constata um outro. Os anos 30 chegam marcados pela dissipação e pelo cinismo — fim para a futilidade e a indolência dos anos 20. (p. 53)

Os industriais perceberam então, a necessidade de reduzir o ritmo da produção. Para isso precisavam demitir milhões de trabalhadores. No decorrer da crise, o número de desempregados nos Estados Unidos atingiu mais de 15 milhões de pessoas.

Nos Estados Unidos, Franklin Roosevelt dá início ao plano de recuperação econômica que ficou conhecido como New Deal (Novo Acordo) após a quebra da bolsa de Nova York, em 1929. Por isso, muitos que foram contemporâneos a esse período, a denominaram a pior década do século XX, já que começou com a Grande Depressão e terminou com a Segunda Guerra Mundial.

Depois da Primeira Guerra Mundial, com o colapso da indústria cinematográfica europeia, Hollywood passou ser o carro-chefe das novas produções e dos lançamentos de filmes que destacavam o re-



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

lacionamento afetivo como eixo principal, a maioria das personagens femininas era apresentada em situação de triângulo. Casais secundários personificavam, por vezes, a normalidade (DEL PRIORI, 2006). Ainda de acordo com a autora:

As tramas ficcionais eram semelhantes: duas personagens se batem pelo amor de uma terceira. Depois do triângulo esclarecido, os maus eram punidos e os bons pares, felizes para sempre. Outro traço comum? O casamento como solução para qualquer problema. É por meio dele que personagens de grupos sociais diferentes se encontram. (DEL PRIORI, 2006, p. 291-292)

Em um cenário aparentemente tão caótico, os relacionamentos amorosos adquirem um novo vigor e um duplo sentido. Para os abonados economicamente, os relacionamentos amorosos seriam um ponto a mais no sentido da autorrealização; para os menos afortunados, um consolo para os revezes que encontravam em seus caminhos. De acordo com Lins (2012) o amor romântico foi conservado como o mais ardoroso ideal, capaz de proporcionar as mais doces alegrias e as mais profundas dores emocionais. E, então, o amor como um tema, ocupará um lugar central na nossa vida social em todos os níveis culturais, da poesia aos romances, que tendem a retratá-lo como uma mistura de paraíso e de catástrofe, aos finais felizes dos musicais da Broadway e dos filmes de Hollywood e até as excitações oferecidas pelas revistas populares.

Segundo Lins (2012), cada vez mais, as produções que tematizavam o amor, inculcavam no ideário das pessoas referenciais tais como: (1) a convicção de que, para cada indivíduo, existe “um (a) companheiro (a) certo (a), predestinado (a) e único (a) no mundo, à espera de ser encontrado (a). De tal forma que seria a tarefa de todas as pessoas solteiras esperar ou sair à procura, até que esse ser único seja localizado; (2) o significado do “ato de se apaixonar”. Em geral, presume-se que as pessoas se encontram distraídas e não preparadas para perceber a abordagem do amor, que acontece subitamente, seja à primeira vista, seja após os primeiros momentos com o ser amado; e então, a vítima ao que se supõe



cai, sem possibilidade de defesa, nas garras de uma vontade superior ou de uma Providência divina; (3) A ideia de que o amor é cego, e que a pessoa que ama pouco observa as imperfeições da pessoa amada, seja de caráter, seja de beleza, nem as admite quando lhe são apontadas; (4) O amor tudo conquista e que ele é uma poderosa força que consegue derrubar todos os obstáculos que estejam em nossos caminhos; e (5) atribuir beleza e qualidades extraordinárias a alguma pessoa perfeitamente comum (HUNT, 1963).

Diferentemente dos anos 20, que havia destruído as formas femininas, a década de 30 redescobriu as formas do corpo da mulher por meio da exibição de uma elegância refinada, sem grandes ousadias. As saias ficaram longas e os cabelos começaram a crescer. Os vestidos eram justos e retos, além de possuírem uma pequena capa ou um bolero, também bastante usado na época. Em tempos de crise, materiais mais baratos passaram a ser usados em vestidos de noite, como o algodão e a casimira. O corte enviesado e os decotes profundos nas costas dos vestidos de noite marcaram os anos 30, que elegeram as costas femininas como o novo foco de atenção. Alguns pesquisadores acreditam que foi a evolução dos trajes de banho a grande inspiração para tais roupas decotadas.

Diferentemente também do século anterior, houveram grandes mudanças nos encontros e na forma de conquistar uma pessoa. Até então o flerte que comumente acontecia por ocasião da missa dominical, onde trocavam-se olhares, na presença de acompanhantes. Com as bicicletas e, sobretudo, com os automóveis chegando ao mercado, esses meios de transporte contribuíram para novas formas de encontros entre os jovens. O automóvel é visto como muito mais perigoso. Segundo Lins (2012), desde 1902, os anúncios diziam “Para se divertir é preciso uma namorada e um carro”. Se, nos anos 1920 um carro era “um pecado sobre quatro rodas”, agora tornava-se o meio mais simples de escapar dos olhares e da pressão social. Telefonar para uma moça passa a ser o meio de comunicação preferido pelos rapazes. E, ainda a tradicional moralidade restringisse a interação entre os pares formados, a vigilância foi relativizada e, portanto, diminuiu. Com isso, a juventude



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

tornou-se mais independente. Assim, as interdições caíam ainda mais tornando os jovens mais independentes (LINS, 2012).

No Brasil, de acordo com Del Priore (2006), entre anos 30 e 40 do século XX, a figura do mulato sambista, malandro, esperto e cheio de ginga juntou-se à da mulata cabrocha, faceira e sensual. Mulatos e mulatas passam a sintetizar uma cultura alegre e descontraída, fundamentada em ingredientes como a sexualidade e a musicalidade. É desse berço que nasce desse uma das manifestações culturais mais privilegiadas para a análise das relações entre homens e mulheres: a música popular brasileira (MPB).

No período entre as guerras, o casal foi cada vez mais se erotizando, e o beijo na boca que até o século passado era considerado em muitos lugares como um atentado ao pudor, passou a ser difundido pelo mundo e considerado uma prática essencial para as carícias amorosas e para o casal constituído.

Nos anos 30, incorporou-se na vida dos jovens o esporte, a vida ao ar livre e os banhos de sol. Seguindo as exigências das atividades esportivas, os saíotes de praia diminuíram, as cavas, ou seja, as aberturas por onde passam os braços ou em que se pregam as mangas aumentaram e os decotes chegaram até a cintura, assim como alguns modelos de vestidos de noite. Esse, sem dúvida, é um período em que se predominou acentuadamente e firmemente o forte afeto e desejo pelo sexo.

Alguns modelos novos de roupas surgiram com a popularização da prática de esportes, como o short, que surgiu a partir do uso da bicicleta. Os estilistas também criaram pareôs estampados, maiôs e suéteres. Um acessório que se tornou moda nos anos 30 foram os óculos escuros. Eles eram muito usados pelos astros do cinema e da música.

Como nessa época, não era tão difundida a psicoterapia para lidar com questões afetivas, tampouco uma farmacopeia específica para tratar as dificuldades dos relacionamentos amorosos, o suporte da época ficava por conta das revistas e dos manuais com conselhos matrimoniais



passavam a falar da harmonia da vida sexual do casal, e recomendava-se muita serenidade no tratamento e na vivência à dois. O ícone para mulher dessa época devia ser magra, bronzada e esportiva, materializada no modelo de beleza da atriz Greta Garbo. Seu visual sofisticado, com sobrancelhas e pálpebras marcadas com lápis e pó de arroz bem claro, foi também muito imitado pelas mulheres.

Aliás, o cinema foi o grande referencial de disseminação dos novos costumes. Hollywood, através de suas estrelas, como Katharine Hepburn e Marlene Dietrich, e de estilistas, como Edith Head e Gilbert Adrian, influenciaram milhares de pessoas. De acordo com Tannahill (1983) os filmes produzidos por Hollywood esforçavam-se a condicionar as mulheres à crença de que o lugar e o destino delas estavam fadados ao lar. Não porque, como no passado, inexistissem opções para ela, mas porque essa mulher estava voluntariamente destinada a esse objetivo de vida, pelo mágico poder e influência do amor e do romantismo. A sociedade ocidental é a única cultura da História que tem a experiência do amor romântico como um fenômeno de massa. Somos os únicos a cultivar o ideal do amor romântico e a fazer do romance a base de casamentos e relacionamentos amorosos. É inegável a participação hollywoodiana para a difusão dessa maneira de se conceber a vida e de se pensar os relacionamentos, principalmente, a partir de 1940.

Década de 1940

Ao final da década de 30, movimentos totalitários por toda a Europa começam a eclodir, com Mussolini na Itália, Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha e Stálin na União Soviética, além de Hitler na Alemanha. A década seguinte, ou seja, 1940, fora um período marcado pela explosão das bombas em Hiroshima e Nagasaki, matando milhares de civis no Japão, e supostamente precipitando o fim da guerra.

De acordo com Lins (2012) a guerra forjou muitos casais incompatíveis. O número de casamentos aumentou 50% depois de Pearl Harbor; os homens queriam ter alguém para quem voltar. Enquanto a guerra prosseguia, a média de idade dos recém-casados diminuiu sensivelmente.



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

Como uma das diversas noivas que se casaram em 1942 lembrou, cinquenta anos depois: ao declarar que provavelmente não teria se casado tão rapidamente se não fossem aqueles tempos de guerra. Por volta de 1944, havia 2,5 milhões de mulheres casadas a mais do que em 1940.

Consequentemente, a guerra gerou muitos bebês: na despedida e na chegada dos maridos. Os EUA e outros países envolvidos no conflito conheceram o baby boom, fenômeno causado pela taxa de nascimentos, que aumentou. A taxa de natalidade pulou de 2.466 milhões nascimentos, em 1939, para 2.703 milhões em 1941 e 3.104 milhões em 1943. Duas vezes mais famílias com três filhos e três vezes mais com quatro. Ainda, de acordo com Lins (2012) situação a guerra deixou muitas mães solteiras, mas o maior número de mães solteiras não estava entre as adolescentes e sim entre as mulheres de 30 a 35 anos. Um relatório de 1944 lamenta o comportamento “predador” de algumas mulheres que se envolveram com três ou quatro soldados americanos para se garantirem com pelo menos um parceiro em potência para o sustento do futuro filho.

Se durante a Depressão o trabalho da esposa tinha sido objeto de imensa discórdia por “ter tirado o emprego dos homens”, agora ela era convidada e abençoada por trabalhar (LINS, 2012). Depois da Segunda Guerra Mundial, as conquistas femininas permitiram que as jovens namorassem no portão, mas com horário predeterminado, por pais e irmãos, pensando-se que desta forma o encanto entre os dois pudesse acabar. Nesta época também houve a popularização das novelas transmitidas pelo rádio e o comportamento amoroso dos amados geralmente não ia além de um leve toque de mãos. A prática dos beijos era proibida. Nesta década, observa-se outro comportamento: os pais não criavam empecilhos ou dificuldades para o namoro da filha se o moço fora “de futuro”, ou seja, se fosse de família rica e posição social próspera. Complementarmente Lins (2012) aponta que:

Depois da guerra, as mulheres americanas começaram a ficar ansiosas para arranjar marido. Dezesseis milhões de jovens soldados foram enviados ao outro lado do mar; 250 mil foram mortos; 100 mil se casaram



com mulheres inglesas, francesas e de outras nacionalidades. “Elas perceberam que já não havia homens em número suficiente e, mais grave ainda, que os veteranos estavam exigindo mulheres maduras, sofisticadas, iguais às que tinham conhecido na Europa, e não tinham tempo a perder com moças de cabeça oca. Surgem então as ‘caçadoras’, ‘ladras de homens’, admiradas em lugar das outras. Frequentar o colégio tornou-se uma forma de pegar marido, ‘ser diplomada como madame’ — e se, em outubro, a moça ainda não tivesse parceiro, então era mesmo um fracasso.” (p. 193-194)

A moda feminina dessa década é considerada uma das mais lindas e sensuais do século XX. Foi também nos anos 40 que Marilyn Monroe surgiu pela primeira vez nas telas. Seguindo esta linha de beleza forte da “femme fatale” e alegre da “pin-up” tentava-se compensar a tristeza da guerra. A maquiagem ficou carregada, com muito batom vermelho, lábios cheios e delineados e sobrancelhas bem desenhadas.

De acordo com Lins (2012) o advento do cinema, no final do século XIX, multiplicou as possibilidades do erotismo artístico, antes limitado à pintura, às gravuras e aos daguerreótipos. A imagem em ação e movimento trouxe um realismo impensável ao sexo representado. E também surgiram alguns ícones do cinema, tais como: Rodolfo Valentino. Entre as atrizes podemos destacar algumas, tais como Rita Hayworth, Theda Bara, Eleonor Glyn, Greta Garbo, Lana Turner e Marlene Dietrich. De acordo com Lins (2012):

O exotismo do Oriente compôs o primeiro mito cinematográfico masculino: O Sheik, misterioso personagem vivido por Rodolfo Alfonso Raffaello Pierre Filibert Guglielmi di Valentina d’Antonguolla ou apenas Rodolfo Valentino (1895-1926), como ficou conhecido por uma geração inteira de mulheres, que suspiravam por ele em uníssono. O filme rendeu 4,5 milhões de dólares e provocou uma paixão pelo tango.

O Sheik fez de Rodolfo o símbolo sexual da década. Seu olhar parecia dizer: “te amo, te desejo”. Os homens americanos se julgavam sheiks e beijavam a mão de suas namoradas, a quem chamavam shebas. Em



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

contrapartida evitavam levar suas mulheres ao cinema nos filmes de Valentino. Elas rejeitavam suas bolinações durante as cenas quentes. (p. 177)

Como em períodos anteriores, aos maridos as relações extraconjugais eram consentidas e/ou toleradas. Não eram criticados os infieis desde que fossem discretos e continuam como provedores da família. E, quanto mais mulheres eles conquistavam, mais eram considerados viris e valorizados. Em contrapartida, as mulheres deveriam manter contida a sua própria sexualidade para serem vistas como esposas respeitáveis. Afinal, a honra do marido dependia muito da conduta da esposa. Descoberta uma relação extraconjugal, ela era atacada e, em caso de separação, corria o risco de perder a guarda dos filhos, pois a mentalidade dessa época determinava que um homem que fosse incapaz de tratar com violência a mulher que lhe fora infiel ou de se separar dela perderia o respeito de seus iguais e passa a ser visto como ‘corno manso’, um insulto considerado gravíssimo para a época (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012).

Década de 1950

Findada a Segunda Guerra Mundial apesar de as mulheres terem provado o gosto da igualdade e da liberdade econômica, cedem à supremacia masculina e desistem de trabalhar fora de casa para que os homens recuperem seus empregos (YALOM, 2001). Assim, se voltam para o trabalho doméstico e reassumiam o cuidado com a família, como donas de casas e esposas e criavam filhos e filhas com essa mentalidade de que formarem na cabeça das filhas a ideia de que uma parceria boa, deveria ser uma excelente dona de casa. Aliás, continuava-se a acreditar que ser mãe e dona-de-casa era o destino natural das mulheres de boa forma. Agora que os homens estavam de volta da guerra, já não havia nenhuma necessidade de as mulheres trabalharem. As mulheres concordaram em desempenhar, no pós-guerra, o papel de esposas dedicadas exclusivamente ao lar e submissas ao marido. No entanto, essa situação não duraria muito tempo; era uma questão de tempo para ocorrer o movimento de emancipação feminina prosseguia.



Os fabricantes do pós-guerra produziram aspiradores de pó, torradeiras, liquidificadores, máquinas de lavar roupas e pratos mais potentes e mais baratos para substituir os modelos ineficientes criados antes da guerra, além de outros aparelhos para economizar tempo.

Os anos 50, ou anos dourados são considerados como uma época de transição entre os períodos de guerra da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade desse século, tendo assim a chegada da televisão em Portugal e no Brasil. O padrão de beleza, a arte de ser bela, ter a pele perfeita simbolizava sucesso. Neste período pós-guerra, retornaram os valores conservadores e nos relacionamentos homem-mulher, observava ainda o flerte ou o namorico (jogo de gentilezas, olhadelas, gestos, sorrisos). O jovem casal apaixonado neste período ganhou o direito de atravessar o portão e de se instalar na sala de estar da família, mas ainda sob os olhares atentos de bastiões da moral e dos bons costumes.

Na primeira metade do século XX a mulher consegue igualdade com o homem em diversos aspectos da vida cotidiana, mas vive em conflito entre sua capacidade e o medo de não corresponder às expectativas masculinas. Ela teme que isso lhe custe a oportunidade de viver um relacionamento amoroso, de que suas escolhas e atitudes a requeiem à situação de solteirona (LINS, 2012; HUNT, 1963). Para que tal situação não viesse a acontecer, as mães aconselham as moças sobre o risco de se tornarem “perdidas”, ou seja, de perderem a virgindade antes do casamento. O desenvolvimento do uso de maquiagem, de tintura de cabelos nos anos 1920, do culto ao corpo e da juventude são sinais de um desejo de amar e de ser amada que se acentuava cada vez mais. De acordo com Bassanezi (2006) a reputação das moças se apoiava em sua capacidade de resistir aos avanços sexuais dos rapazes. A ideia era a de que se ela não resistisse ao namorado, não resistiria a outros homens depois de casada.

Regras mínimas para os encontros eram bastante conhecidas. Primeiramente, o rapaz interessado devia ir buscar a moça em casa e depois levá-la de volta — mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia sequer entrar; o homem sempre pagava a conta; as chamadas “moças



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

de família” não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha de impor respeito (BASSANEZI, 2006). Independentemente deste corolário de regras, os homens insistiam por mais intimidade, mas os que alcançavam seus intentos se desencantavam.

Casar, para a mulher, era a principal meta a ser alcançada na vida. E para isso era necessário impor respeito. Então, a mulher “fácil”, aquela que permitia certas liberdades, ficava mal falada, diminuindo assim suas chances de encontrar um marido. Ainda, segundo Bassanezi (2006), era importante que as mulheres soubessem distinguir o certo do errado e encontrar o chamado “bom partido” de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade, dando-se ao respeito. Ficava mal para a reputação de uma jovem usar roupas sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em situações que sugerissem intimidade com um homem. Seria prejudicial a seus planos de casamento ter fama de leviana, namoradeira, enfim, de ser uma garota fácil, que se permite beijos ousados, abraços intensos e outras formas de manifestar a sexualidade (BASSANEZI, 2006; LINS, 2012; DEL PRIORE, 2006).

De acordo com Del Priore (2006) o tempo de namoro também seguia alguns padrões, e não poderia — como no início do século — durar muito, e levantar suspeitas sobre as verdadeiras intenções do rapaz, nem tão pouco que catalisasse e precipitasse decisões sérias e definitivas. Além disso, o namoro muito longo comprometia a reputação da moça que se tornava alvo de fofocas maldosas.

As mulheres deveriam cuidar-se para não ter sua “reputação maculada”. Esse medo das mulheres não infundamentado. De acordo com Hunt (1963) o padre francês Grimaud Charles Abbe, em seu livro “Aux grands jeunes gens - futurs époux” (Aos grandes jovens – futuros esposos), que havia sido lançado em 1920, era um dos pilares do pensamento que reforçava a mentalidade até essa época ao aconselhar aos homens que evitassem as intelectuais e as mulheres que trabalham fora tanto quanto as prostitutas. Essas e outras obras, de acordo com Aze-



vedo (1986), validavam os valores morais da primeira metade do século XX quanto à escolha de parceiras possíveis, bem como quanto a forma de se relacionar no namoro, ou mesmo, quanto regras para o noivado e também em relação aos papéis de cada um no casamento. Esses supertes literários visavam também aprimorar o caráter, fortalecer a vontade, orientar a jovem leitora para os valores consagrados da pureza, honra e beleza moral segundo o modelo apontado pela ética e pela hagiografia católicas, que tinham a preservação da virgindade como supremo objetivo, condição última da tranquilidade de consciência e atributo insubstituível para o casamento e a dignidade da mulher. Hollywood, a mídia e o ideário comum anunciavam o quanto interesses culinários e aparelhos eletrodomésticos como eram “o sonho de toda mulher”.

E toda a iniciativa da conquista era atribuída única e exclusivamente ao homem. O casamento para as mulheres era considerado ascensão social, pois se ficassem solteiras seriam consideradas fracassadas socialmente falando. Para atrair os pretendentes as moças utilizavam de estratégias. Estavam sempre bem vestidas, demonstravam bom humor e apresentavam-se amáveis. Consequentemente, a mulher dessa época se sente confusa. Por um lado, tem o desejo de fazer uso dos seus direitos tão duramente conquistados, desenvolvendo-se tanto quanto o homem, mas por outro lado, ela deseja ser protegida pelo homem e de ser dependente dele.

Publicações da época como as revistas “*Jornal das Moças*” “*Vida doméstica*”, “*Você*”, “*Capricho*”, “*Querida*”, além de a seção feminina de “*O Cruzeiro*” e “compartilhavam de uma mesma mentalidade da época que tiranizava as mulheres. Nesses textos, família, Igreja e Lei são praticamente incontestáveis. Os artigos contidos nessas publicações tratavam de questões como: Como deveria se comportar uma boa esposa?; O que seria moralmente aceito ou de se esperar de uma mulher?; Como e por que refrear os impulsos e as paixões?; O que significa ser uma boa mãe, esposa ou boa filha?; Como entender, conquistar e manter os homens?

Outros pontos e questões buscavam legitimar as aventuras extraconjugais dos maridos e procuravam definir o futuro das mulheres



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

como esposas, mães e rainhas do lar. Por exemplo, em uma das edições do *Jornal das Moças* dessa época aconselhava para as leitoras que uma “boa esposa” deveria proporcionar, sem questionamentos, sossego e liberdade ao seu marido, a fim de preservar com suas atitudes obedientes e submissas a “felicidade conjugal”. Para isso, a esposa não deveria incomodá-lo com suspeitas, quaisquer que essas fossem, sobre sua conduta. Não deveria duvidar de suas explicações sobre os atrasos. Não deveria demonstrar ciúme. Deveria também saber esquecer as aventuras de seu marido com outras. Os homens têm direito à liberdade. Outro exemplo é o da revista “*O Cruzeiro*”, que, em sua seção feminina, recomendava às moças que se mantivessem virgens até o altar, para que não estragassem a felicidade do casal, como uma maneira de coibir as manifestações presentes nos filmes de Hollywood que agrediam a decência e o decoro da época (DEL PRIORE, 2006)

Enfim, a moral sexual dominante nos anos 1950 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundidas com ignorância sexual e sempre relacionadas à contenção sexual e à virgindade (BASSANEZI, 2006). De acordo com Perrot (2006) quando a moça se casava lhe era imposta uma mudança na maneira de vestir — uma mulher casada deveria usar roupas de acordo com sua nova condição, e quanto mais importante fosse a posição do seu marido, maior seria essa imposição, pois estava sob a mira do julgamento social. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir são objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visa o seu sexo, vulcão da terra. A estratégia da época, segundo a autora foi:

“Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado, controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária. Toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece” (Perrot, 2006, p. 447).

Em suma, é mulher estava reservado o maior quinhão de responsabilidade para com a felicidade no lar. A mulher caberia estar à



disposição de seu marido e da família a qualquer momento. Deveria ser prendada, recatada, e ao mesmo tempo, esmerada em sua aparência, para que o homem não se sentisse atraído pelas mulheres da rua (DEL PRIORE, 2006).

Ao contrário, os homens eram valorizados se tivessem relações sexuais com várias mulheres. Geralmente, eram prostitutas ou garotas com quem não casariam, como as que eram chamadas de fáceis, galinhas, bandidas, biscates. Essas lhes permitiam contatos sexuais proibidos às moças para casar (BASSANEZI, 2006). De acordo com Lins (2012) a moral sexual ainda estava vinculada à procriação, pois não havia ainda pílula anticoncepcional, mas por conta de todos os preconceitos, as mães solteiras eram repudiadas. Afinal, a mulher que tinha relações sexuais antes do casamento era considerada indecente, sem-vergonha, indigna. E, depois de casada, na ausência do marido, deveria restringir a sua vida social.

Com tanta repressão, o sexo não era considerado prazeroso para a maioria de seus praticantes, sobretudo, para as mulheres. O homem chegava à vida adulta com muito pouca experiência e aqueles que tiveram alguma lida com o assunto foi por meio de relações com prostitutas, o que reforçava a ideia de o sexo ser algo pecaminoso e pouco digno (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012).

Aqui no Brasil é o início da bossa-nova, da venda dos discos de vinil e do lançamento do disco de 78 rotações que atrairiam mais e mais a atenção dos jovens.

Década de 1960

Desde a década de 1920, a partir dos estudos de Wilhelm Reich (com o lançamento do livro “A função do orgasmo”, em 1927), de Alfred Kinsey (com o lançamento do livro “Comportamento sexual do homem”, 1948 e 1953) e do casal Masters e Johnson, que em 1950 observaram pela primeira vez os aparelhos genitais masculinos e femininos durante o ato sexual, e em 1966 publicaram “A conduta sexual hu-



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

mana”, estudos científicos lançam luz sobre o erotismo desmistificando o casal em sua intimidade.

Na década de 1960, segundo Del Priore (2006):

“As músicas de Bob Dylan, Joan Baez exportavam, mundo afora, a idéia de paz, sexo livre, drogas como libertação da mente e, mais uma vez, amor. Os países onde boa parte da população adotava o protestantismo — Estados Unidos, Inglaterra e Holanda — consolidavam uma desenvoltura erótica antes desconhecida” (p. 321).

Ainda, segundo esta autora, a moral sexual brasileira flexibilizava-se cada vez mais e casais não casados eram cada vez mais aceitos, e já podiam circular socialmente. A sexualidade ainda era vivida como um pecado, aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos — e, em 1950, 93,5% da população brasileira declarava-se apostólica romana — começava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos (DEL PRIORE, 2006). No entanto, os crianças e adolescentes ainda eram “protegidos”, pelos adultos, de informações mais diretas que utilizavam com eles de subterfúgios como evitar falar sobre aspectos da vida sexual, ou quando falavam sobre isso utilizavam de eufemismos como, por exemplo, dizer que por meio de uma sementinha colocada na barriga da mãe nasciam os bebês.

Em 1960, nos EUA, John F. Kennedy vence as eleições e, no Brasil, João Goulart torna-se o primeiro presidente trabalhista com a renúncia de Jânio Quadros. Uma verdadeira onda de contracultura modifica os valores morais desta década. Com a incorporação dos métodos anticoncepcionais, e o incentivo da promiscuidade sexual, os namoros da época aceitaram a tese de “é proibido proibir”, e beijos, abraços e até mesmo filhos precoces refletiam a rebeldia da época, os casamentos eternos neste período eram questionados. Calmantes e anticoncepcionais estão são largamente difundidos em todo o mundo.

De acordo com Yalom (2001) apesar das tentativas midiáticas de incentivo a autoestima das donas de casa, sobretudo nas propagandas



americanas dirigidas para as mulheres, muitas delas sofriam de determinado grau de insatisfação crônica consigo mesmas e com a vida. Não suportavam a monotonia, o tédio e isolamento vividos no dia a dia. Nas palavras da autora:

Nem todos os produtos que surgiram para facilitar seu trabalho e tornar sua vida mais agradável (de acordo com os peritos de marketing daquela época), todas as modernas pílulas de humor — como o Dextrodine, prescritas por médicos indulgentes, todos os discursos do destino das mães biológicas e do local sagrado dentro da família poderiam esconder o senso de frustração e alienação que algumas esposas sentiam em suas casas. (YALOM, 2001, p. 403)

“O segundo sexo”, originalmente publicado em 1949, da autora Simone de Beauvoir, torna-se a bíblia das moças que se vangloriavam de estarem desgostosas de viver, aproveitando para compensá-la com os mais diversos prazeres. Paulatinamente, as mulheres nutriam uma insatisfação em relação às suas vidas e em relação a vida que os respectivos maridos levavam. De acordo com Lins (2012) frequentemente as mulheres, quando se casavam, perdiam a maioria das amigas. Estas passavam pelo crivo de aceitação do marido, que procurava afastar a “má influência” das amigas mais liberadas ou as mais independentes, situação essa que poderia ameaçar a sua hegemonia familiar. Complementarmente Bassanezi (1996, 2006) aponta que, a “boa esposa” da época, deveria fazer tudo para agradar o marido, mesmo em detrimento do seu próprio bem-estar. Além disso, não deveria discutir com ele nem se queixar de algo que a insatisfizesse.

Em 1942, o artigo 315 do Código Civil estabeleceu a separação sem a dissolução do vínculo, ou seja, instituiu o desquite. A mulher desquitada, então, era mal vista e qualquer deslize dela seria motivo para a perda da guarda dos filhos. Mas, apesar do preconceito, os censos demográficos entre 1940 e 1960 apontavam para o aumento das separações.

Se antes dessa época, por exemplo entre a década de 1940 a 1950, o beijo dos enamorados se limitava a um mero colar de lábios, na



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

década seguinte, as carícias generalizavam-se e o beijo tornou-se mais profundo — o beijo de língua ou beijo francês — antes escandaloso, e mesmo considerado um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na intimidade sexual, a sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, estende-se a outras partes do corpo. Esse fica inteiro à mercê de ser explorado pelos lábios. As preliminares tornam-se mais longas. As sucções mais profundas. A limpeza do corpo e um certo hedonismo alimentam carinhos antes inexistentes (DEL PRIORE, 2006).

Além da participação da música, do cinema e da televisão que invadira 4,61% dos domicílios brasileiros em 1960 continuava martelando o ideal do amor romântico, as novelas diárias como a telenovela “Ocupado”, transmitida pela antiga Rede Excelsior, que começaram a ser exibidas pela televisão brasileira a partir de 09 de setembro de 1963. Esta foi a primeira produção a mostrar o casal romântico Glória Menezes e Tarcísio Meira, como protagonistas desta novela.

Nos anos sessenta e setenta, no Brasil, São Paulo era uma cidade muito musical. Se na tevê a efervescência da música se podia notar nos festivais de Música Popular Brasileira, na Jovem Guarda e em outros programas, nas ruas e garagens dos bairros de classe média, os jovens da época caprichava em suas tentativas de tirar as músicas dos Beatles, Animals, Rolling Stones. Há de se evidenciar que “Os Beatles” começaram a aparecer no final de 1962, com “Love Me Do”, mas só estourariam mesmo no Brasil, dois anos depois. Começava o tempo das “domingueiras”, em que os conjuntos reinavam absolutos nos clubes de São Paulo. Nas pistas improvisadas quase sempre na quadra de esportes dos clubes, os jovens dançavam, paqueravam, namoravam ou simplesmente ficavam de olhos vidrados naqueles deuses que tiravam um som idêntico aos conjuntos de seus ídolos lá de fora. Dessa forma, uma tarde de domingo no clube era um programa imperdível para garotos e garotas. Ao som de músicas como “You Really Got Me” e de “Well All Right” e entre um refrigerante e um sanduíche, os jovens se socializavam. Quem não aparecesse na domingueira, certamente, ia passar uma semana por fora das novidades: por exemplo, estava namorando quem, que grupo tinha comprado guitarra nova, qual o comprimento (ou a falta de) da



minissaia da fulana ou de sicrana, qual a nova música do momento que era um hit de sucesso.

Com toda essa liberação sexual da década de 60 e suas consequentemente insatisfações, a década seguinte, sofre consequências.

Década de 1970

No início dos anos 70, os jovens estavam norteados pelo lema “sexo, drogas e rock n roll”. A busca por situações de êxtase por métodos físicos e, principalmente, químicos é incansável. Janis Joplin, Jim Morrison, vocalista do grupo The Doors, e Jimmy Hendrix tornam-se mitos, grandes expoentes e modelos da época. Os três tiveram uma morte prematura por causa do excesso de drogas e viraram ícones do movimento hippie.

Na década de 1970, a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis inserem-se nos cenários dos jovens, e então, a camisinha torna-se um item obrigatório para quem pretendia levar uma vida sexualmente ativa. Os jovens ainda impedidos de ter suas relações sexuais em casa recorriam a motéis, ou mesmo, lugares com pouco movimento. Surgiram também, nesse período, os antibióticos e a pílula anticoncepcional, que, tornaram possível a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970 no Ocidente. O primeiro eliminou os riscos da promiscuidade, uma vez que tornou as doenças venéreas facilmente curáveis (HOBSBAWM, 2003).

Nos anos 70 os jovens estavam buscando sua “liberdade”, era a época dos hips, época de “paz e amor”. Esta paz e amor meramente humanos acabou com o início da guerra do Vietnã e Estados Unidos. Consequentemente, o final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX promoverão a chamada “revolução sexual”, com conquistas até então nunca vistas devido à descoberta da pílula anticoncepcional, que desvinculou a mulher do sexo ligado à procriação, promovendo uniões fortuitas. Então, as relações sexuais passaram a ser vividas sem o temor da gravidez indesejada (ROCHA-COUTINHO, 1994). Com a dissociação do sexo da gravidez, as mulheres passaram a questionar seus



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

papéis e lugares na sociedade. Assim, de acordo com Duarte (2003): “a tecnologia anticoncepcional torna-se o grande aliado do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, amor e compromisso” (p. 165).

O movimento feminista também questionava a sexualidade feminina. Quando a mulher fez uso de anticoncepcionais, ela adquiriu controle do seu corpo, da sua sexualidade, da possibilidade de ser (ou não) mãe. Logo, a pílula trouxe muitos benefícios em relação à liberdade das mulheres, uma das quais era experimentar os prazeres do sexo desvinculados da procriação. O sexo passou a ser visto com menos pecaminoso e a gravidez tornou-se mais facilmente controlada, assim houve um aumento do sexo pré-matrimonial, ao mesmo tempo não foi tão simples deixar algumas ideias já preconcebidas para trás. De acordo com Kehl (2006):

Beneficiou-nos, mas não deixou de cobrar seu preço. Foi muito bom para as moças da minha geração perder a virgindade sem culpa, fora do casamento. Foi bom poder diversificar a experiência sexual, ter parceiros diferentes, aprender, perder preconceitos, perder o medo e, para as mulheres, saber que o primeiro homem não tem de ser necessariamente o definitivo. Mas tentamos abolir a posse e o ciúme das relações amorosas e com certeza não conseguimos...” (p. 37).

Entretanto, a Igreja ainda exercia forte coerção contra essas manifestações. Mesmo com todas as mudanças que aconteceram a partir das décadas de 60 e 70, com as mudanças de comportamento e valores morais e sociais e as pessoas tenham deixado de ver o sexo e o prazer sexual como algo extremamente pecaminoso, aconteceu “uma diminuição da religiosidade” e a religião de fato perdeu um pouco de sua influência sobre as pessoas como tinha nas décadas passadas (RAMALHO, 2005), mas ainda exercia sua força sobre a sociedade. De acordo com Lins (2012):

A partir dos anos 1960, grandes transformações — ligadas principalmente ao advento da pílula anticoncepcional e ao movimento feminista, que contribuiu para o aumento do nível de instrução feminina e para



o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho — afetaram a situação das mulheres na sociedade e na família: sua autonomia pessoal e financeira foi consideravelmente ampliada em relação aos homens. (p. 250)

Com a eclosão dos movimentos feministas, as mulheres passaram a lutar por uma igualdade maior entre os sexos e a questionar a limitação de seus papéis como esposa, como dona de casa, como educadora e como mãe. Elas procuravam desenvolver atividades laborais que não estivessem atreladas ao serviço doméstico que até então eram funções de uma mulher casada. Levando-se em consideração esses e outros acontecimentos, houveram muitas mudanças. Até os anos 1970, as mulheres que se separavam do marido eram bastante hostilizadas. Como o casamento era a sua principal fonte de segurança financeira, sem um parceiro-provedor, elas poderiam perecer certamente. Além disso, ela e os filhos eram discriminados, em caso de tornarem-se mães solteiras.

Conforme aponta Hobsbawm (2003), a partir da década de 1970 e, principalmente na década de 1980, tornou-se muito comum que as mulheres (tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos) lutassem por direitos abominados pelas doutrinas da Igreja, tais como a liberação do divórcio e uma flexibilização das leis do aborto. Nesse período houve, também, um considerável aumento da porcentagem de mulheres que ingressavam nas universidades, de onde podemos perceber que as mulheres começavam a se preparar melhor para a entrada no mercado laboral e em áreas que, até então, eram exclusivas dos homens. Durante esse período, as mulheres começaram a exigir também seus direitos enquanto cidadãs. Começaram a se engajar em questões políticas e sociais, o que era, até então, privilégio dos homens.

No entanto, apesar de as mulheres terem conseguido aos poucos ingressar no mercado de trabalho, não raramente, seus salários eram muito inferiores aos salários dos homens. Ademais, a entrada da mulher no mercado laboral não garantiu o abandono de suas velhas responsabilidades domésticas que eram exercidas até então. Consequentemente,



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

as mulheres acabaram acumulando seus velhos e novos papéis, caracterizando o que é conhecido atualmente como dupla jornada de trabalho feminina.

Década de 1980

Na década de 80, com a repercussão da AIDS, busca ativa da liberdade sexual, controle de natalidade e busca da independência dos valores passados pelos pais. Nos anos 80 também tivemos a eclosão da chamada “Geração Coca-cola”, pois vivia às margens do imperialismo americano, consumindo seus produtos, dentro os quais o maior símbolo era o refrigerante “Coca-Cola”. Essa tal geração Coca-Cola, que a banda “Legião Urbana” aclamava em sua música há muitos anos, era a geração que desafiava um país que ainda vivia às sombras do regime político. Foi uma geração que desejava o embate pelas causas sociais, mesmo que o confronto viesse a ser literal. Era a geração do deboche inteligente, que lia livros de grandes pensadores, de jovens que tinham e defendiam uma consciência política, das Diretas Já.

Este é um período em que o casamento acontece mais tarde e os casais esperam mais para ter o primeiro filho e mesmo o número de filhos se torna menor comparativamente a épocas anteriores. É nesta década que surge a expressão “ficar com”. Essa expressão representa uma nova condição de relacionamento em que as pessoas irão manter contatos físicos e afetivos durante um curto tempo, sem que isso signifique um vínculo duradouro. A falta de compromisso entre os membros do casal, que tem como objetivo a busca pelo prazer, a partir do exercício da sedução. O grau de desenvolvimento deste fenômeno pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual completa com intercurso e gozo, sendo que esta não essencialmente ocorre. Assim, há espaço para uma intimidade, mas se mantém, ao mesmo tempo, um relativo afastamento, é a maneira mais fácil de chegar perto de um outro sem se comprometer.

Segundo Chaves (1993) o “ficar” é um tipo de relação independente de qualquer outra, ou seja, não está vinculada a um conhecimento



prévio da outra pessoa, a um namoro, amizade etc. e apresenta-se de maneira frequente entre os jovens. Um questionamento concernente a esse fenômeno diz respeito a uma possível banalização das relações estabelecidas, quando jovens ficam como “usando o outro como objeto”, o que muitas vezes pode provocar frustrações para ambas as partes envolvidas (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2005). No entanto, diversos são os motivos que podem levar os jovens a se relacionar dessa forma.

Chaves (1993) enumera algumas dessas possibilidades: o objetivo é busca por evitar a solidão, ou seja, diminuição da carência, ainda podendo ser uma brincadeira de passatempo. O “ficar” pode ser uma forma mais atraente de conhecer melhor alguém, “incrementar” uma amizade, ou tornar uma conversa mais agradável, um meio de ampliar a sociabilidade, de elevar a autoestima, ou ainda um modo de interação com o grupo na busca de ser aprovado pelo mesmo. Pode ter finalidade de manter contato com um alguém de quem se gosta, por exemplo, um (a) ex-namorado (a), sendo também uma espécie de ponte para um futuro relacionamento. O “ficar” pode servir de busca pelo esquecimento de outro relacionamento frustrado, ou mesmo pode ser um meio de quebrar a rotina de um namoro. Ainda a autora acrescenta que este código de relacionamento ganha sentido na sociedade urbana contemporânea, pois o que está em pauta é autossatisfação e a tentativa de evitar a frustração que poderia decorrer de um compromisso afetivo com o outro, que se torna descartável e utilitário.

Fato interessante também sobre o desenvolvimento dos relacionamentos amorosos por ocasião dessa época é o fenômeno dos “bailinhos de garagem”. Bailinhos de garagem, eram assim chamadas as festas privadas que reuniam adolescentes, homens e mulheres, por volta dos 13 anos de idade e que aconteciam na garagem, quintal ou terraço de alguma casa quintal de casa. Para fazer um bailinho não precisava muito: bastava apenas deixar espaço suficiente para dançar, reorganizando o mobiliário do local, determinar quem levava o quê (geralmente as meninas levavam as comidas e os meninos, os refrigerantes), convidar o mesmo número de meninas e de meninos para que todos tivessem



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

um par e ninguém ficasse sozinho, colocar a vitrola portátil num lugar estratégico e, o mais importante, selecionar as músicas. Esses encontros sociais eram caracterizados por ter com músicas ao estilo Love Songs, luz negra ou estroboscópica e cuba libre. Com DJs contratados ou com pessoas que se aventuravam como Djs e ao som de Bee Gees, Donna Summer, Elton John, e seguindo os passos de Jonh Travolta, em “Os embalos de sábado à noite”, os adolescentes que delas participavam dançavam sozinhos ou conjuntamente uns com os outros de rostinho colado. Nessas festas, havia pouca bebida, nenhuma droga. As roupas e o visual eram copiados de filmes e de seriados que faziam sucesso, como “As Panteras”, e da última novela das oito, tinham muito estampado, muita maquiagem. Eram festas de família, com a família lá presente, em algum lugar da casa. Um beijo na boca, por ocasião dessas reuniões entre jovens era sinal de namoro iniciado. Essas situações promoviam encontros entre pessoas desconhecidas e entre os jovens que se paqueravam há tempos e que não tinham uma outra oportunidade para se aproximar e se declararem. Na mesma época dos bailinhos de garagem aconteciam nos clubes da cidade as chamadas “Domingueiras”. Nestas, podíamos dançar, ouvir e ver, ao vivo e a cores, as bandas que estavam na moda e que faziam sucesso.

Década de 1990

Contudo, na década de 90, o namoro e o sexo incorporam-se às práticas afetivo-sexuais e são paulatinamente aceitos socialmente. Pais mais liberais cedem sua casa para facilitar o relacionamento dos filhos. Este período é marcante devido ao uso da internet que estimula encontros virtuais, favorecendo os jovens que estão a fim de ficar com o maior número possível de parceiros numa só noite.

A premissa básica desta década é do amor confluyente (GIDDENS, 1993), na qual a busca de um relacionamento especial, o amor confluyente é uma forma de amor que estaria mais próxima ao contexto contemporâneo. Nesse cenário, a comunicação entre um e outro é aberta e direta, o amor é ativo, contingente e não se propõe ao “para sempre”, ou seja, a grosso modo, a tônica dos novos relacionamentos



é: “estou com você enquanto você me satisfaz”. Contudo nesta década, a contemporaneidade nos depara com uma ordem do descartável, do “ficar” ou relacionamentos líquidos, da quantidade em detrimento da qualidade, onde as pessoas podem dar prevalência ao exterior ao invés do interior, onde há uma diminuição da complexidade e envolvimento dos relacionamentos, provocando desde fracassos e estragos a novas formas de se relacionar na vida amorosa (BAUMAN, 1998; BIRMAN, 2000). Os fenômenos do amor líquido e das relações fluídas também podem ser vistos como a não aceitação em seguir regras ditas pela sociedade e onde os jovens preferem ficar, ter relações instantâneas, para diferenciarem-se dos demais membros de uma sociedade considerada careta, estamos na chamada pós-modernidade. Esse conjunto de mudanças, também acarretou frustrações e ansiedade em demasia pela própria banalização de sentimentos e das relações.

E as estratégias para encontrar e selecionar parceiros foram alterando-se ao longo do tempo. Observa-se que as estratégias de relacionamento entre os pares foram se transformando de acordo com vários fatores, entre eles a modernização das grandes cidades que não permitia mais, por exemplo, os olhares lânguidos dos rapazes parados nas esquinas às janelas de suas amadas, a troca de cartas furtivas e muitas vezes nem lidas, porque interceptadas antes, o footing (tal como ocorria no início do século) em praças e ruas de passeio, ou os encontros nos bairros de garagem e nas domingueiras. Daí, as pessoas acorreram cada vez mais aos shoppings, boates, bares, discotecas e às baladas, como pontos de encontro para parcerias em potencial.

Década de 2000 até os dias atuais

Até, a primeira década do século XXI, o comportamento do jovem radicalmente mudou em vista do século passado. Marcantemente, a sociedade contemporânea ocidental possui uma importante característica: o individualismo. Esta característica está relacionada, primeiramente, pela lógica liberal do capitalismo, assim como pela tecnologia da informação. Consequentemente, esses dois principais fatores alteram as relações afetivo-sexuais interpessoais, seja aumentando a polarização da de-



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

sigualdade social e econômica, seja por torna-las efêmeras e descartáveis e, como tais, passam a se tornar fontes de psicopatologias e de mal-estar social. De tal forma que a sensação que os relacionamentos transmitem é a de que faltam pessoas dispostas a amar e se comprometerem com as relações. Ao mesmo tempo, exige-se mais para as relações, uma vez que, ou existe respeito, cooperação, cumplicidade, sinceridade e afeto ou muda-se mais facilmente do que em períodos anteriores de parcerias. Ajunta-se a essa característica o fato de as pessoas ao longo dos tempos se desobrigaram de cumprir as indicações sociais e familiares porque a própria família perdeu esse papel de autoridade sobre a vida do indivíduo, de onde se infere que nesse período passa a ser assumidos, sem tantos desgastes e conflitos do entorno, quem queremos ao nosso lado.

Não raramente, observam-se multiplicar encontros fugazes, falta de tolerância e do gosto por estar ao lado de alguém simplesmente para curtir bons momentos desvinculados de erotismo e de uma relação custo-benefício entre os pares que se formam e quando se formam. Finalmente, outro elemento, que surge como processo de desenvolvimento contemporâneo e desencadeador do fracasso das relações amorosas, é a solidão decorrente da falência de habilidades para formar ou manter relações afetivas satisfatórias (GUEDES; PINHEIRO, 2000). Complementarmente, acerca dessa discussão Guedes e Assunção (2006) apontam que:

Além disso, o acesso à tecnologia de informação também parece favorecer novos modelos comportamentais e de expressão subjetiva. Esse fenômeno pode ser ilustrado com a vulgarização da TV nas residências e a transmissão das telenovelas, por exemplo. Tais programas exploram a difusão de personagens que são freqüentemente ligados a estereótipos demarcados pela ideologia dominante (nas mulheres: bela, magra, rica, nova e saudável, mas desvalorizada em relação ao homem; nos homens: corpo “esculpido”, rico, sedutor, bem-sucedido, novo e saudável), e ilustrados pela figura do “star”, da “celebridade”. Diante desses estímulos, os consumidores da cultura televisiva acabam por introjetar modelos de vida e formas de relações interpessoais que parecem se alimentar desses estereótipos. (p.413)



Nesta nova era e nessa nova década, os jovens adotam comportamentos, como consumir bebidas alcoólicas e usar e abusar drogas ou assumir determinados comportamentos sexuais, sem estarem de fato conscientes dessas atitudes e, portanto, preparados para as possíveis consequências dessas escolhas.

A sexualidade tem sido discutida de forma mais “aberta”, nos discursos pessoais, nos meios de comunicação, na literatura e artes. Entretanto, essa liberdade sexual não torna as pessoas mais “livres”, pois ainda há bastante repressão e preconceito sobre o assunto. Acerca do paradigma da virgindade feminina, que antes era supervalorizada e hoje é vista como um problema para muitas meninas. Muitas garotas iniciam a vida sexual de forma precipitada, mais para responder a uma exigência do grupo do que a uma escolha pessoal, o que as tornam menos propensas a assumirem as responsabilidades que uma vida sexual ativa requer. Essa cobrança do grupo, também é vista como um tipo de repressão, pois parece que hoje as pessoas perderam a possibilidade de assumir ‘ser’ ou ‘não ser’ virgem, diante da cobrança do grupo social. Outro exemplo diz respeito às cobranças exigidas ao papel feminino. Atualmente, cobra-se da mulher a entrada no mercado de trabalho e, por consequência, essa situação pode resultar em uma maior autonomia. Mas, apesar disso, ainda hoje é exigido também da mulher que ela se case, tenha filhos e seja uma boa mãe. Ter que se casar ou ter filhos parecem condições inerentes à felicidade pessoal. A mulher que tem uma opção de vida diferente dessa é vista como infeliz.

Com a popularização da internet foi responsável pelo surgimento de um novo tipo de relacionamento entre os seres humanos: os relacionamentos virtuais, ou seja, a utilização da internet como um novo espaço para a procura de parceiros amorosos (BEN-ZE’EV, 2004). Os relacionamentos virtuais têm características singulares, que diferem dos velhos e conhecidos relacionamentos “reais”.

A primeira dessas características é que eles ocorrem no ciberespaço, ou seja, são relacionamentos mediados pelo computador. Normalmente, eles se dão nos diversos programas e canais de bate-papo



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

existentes na Web (rede), mais comumente conhecidos como chats. Nelles, a comunicação pode se dar por meio da linguagem escrita, da voz, do vídeo e, ainda, de uma combinação entre eles.

Há, também, dois formatos de comunicação online: o síncronico e o assíncronico. No primeiro, os usuários devem estar conectados à rede ao mesmo tempo e se comunicam em tempo real, tal como acontece em uma conversa telefônica. Exemplos de programas nos quais existe a comunicação síncronica são o SKYPE e o Facebook, que substituíram outras formas síncronicas como o MIRC, o ICQ, o MSN e o Orkut. Em contrapartida, a comunicação assíncrona é aquela que não acontece em tempo real. Os e-mails são um exemplo da comunicação assíncrona.

A segunda característica decorre da primeira: se os relacionamentos virtuais ocorrem no ciberespaço, logo, eles acontecem entre pessoas que estão separadas fisicamente. Assim, na maior parte das vezes,

“as pessoas se conhecem em canais de bate-papo sem saber que aparência tem, ficam amigas sem jamais terem se visto ou ouvido, namoram e amam sem jamais terem se tocado ou trocado um beijo. O que conta é o que essas pessoas escrevem, pois são relacionamentos via teclado.”
(COSTA, 1998, p. 206).

Mais do que um fenômeno circunscrito a teens, ou ainda, a adultos solitários, os relacionamentos românticos via internet tendem a se expandir em um futuro próximo e devem, como consequência, provocar um relaxamento das normas sociais e morais tais como as entendemos hoje. Entretanto, assim como o consumo de drogas, o cybering também poderá provocar dependência no usuário, pois, ao “requerer mais e mais doses de imaginação”, ele conduz ao aumento da distância entre a realidade “verdadeira” e o ciberespaço. O resultado disso pode ser a alienação do indivíduo.

A rede social que antes dependia da presença e proximidade física para se manter, hoje surge mediada por ferramentas que potencializam o poder de conexão entre as pessoas. Facebook, Twitter e



Instagram, somente para citarmos alguns, são termos frequentemente presentes quando se estudam as dinâmicas da comunicação na contemporaneidade.

Em nossa era contemporâneo-tecnológica, as formas de firmar novos laços afetivo-sexuais não raramente são mediadas pela internet e, conseqüentemente, pelas redes sociais. Nessa toada, observa-se alguns impactos da evolução tecnológica sobre os relacionamentos amorosos. A internet tornou-se uma variável que atinge diretamente a complexidade afetivo-sexual e, possivelmente, as influências desse processo tendem a se tornar inevitavelmente mais e mais abrangentes futuramente e se estenderem e/ou se relacionarem a situações como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, ao sexo casual, aos namoros e à noção de exclusividade romântica.

O que se evidencia na contemporaneidade é que o romantismo, considerado por tanto tempo como uma das molas-mestras de qualquer relação amorosa, esteja circunscrito a abordagens on-line e entremeadas com símbolos digitais. Essa forma de comunicação, nem de longe, capta a intensidade das emoções experienciadas entre os pares, além de, talvez, se constituir como um elemento reducionista da capacidade de expressão humana, e também por não conseguir aferir o grau de aceitação e de empatia do outro a nosso respeito.

Diferentemente de outras épocas, hoje convivemos com tendências correntes de terceirizarmos a escolha de parceiros para softwares habilitados com algoritmos para sugerir e aproximar parceiros em potencial. Vários aplicativos para celular e tablets dão suporte às redes sociais como Tinder, Grindr, dentre outros.

“Tinder” é um aplicativo de relacionamento virtual que, ao selecionar fotos e alguns dados extraídos de sua conta no Facebook, permite que o usuário fique disponível a um eventual relacionamento a ser avaliado por parte das pessoas interessadas em conversar virtualmente, podendo até se conhecerem pessoalmente, para além da interface pessoa-teclado. Por meio da ativação e da utilização dos dados da posição



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

dos utilizadores via satélite permite localizar parcerias em potencial (homens e mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais) que estejam geograficamente próximos. O usuário desse aplicativo ainda tem o conforto de fazer seu processo de escolha e seleção desde sua casa ou da privacidade de seu ambiente, o que lhe transmite, obviamente, uma maior sensação de controle. Em suma, os usuários desse serviço sequer precisam mais dos ambientes físicos, caso desejem conhecer alguém. Basta se conectarem ao aplicativo e começarem sua seleção de parceiros. Quase como um jogo, entram em contato com diversos perfis de pessoas, e aquelas que forem de seu agrado, serão contactadas, até que, no caso de existir uma correspondência de interesse da outra parte e a esta pessoa tiver interesse afetivo-sexual por aquela, a conversa poder se iniciar. Embora o aplicativo Tinder tenha sido lançado em janeiro de 2013 e, rapidamente, atingido a marca de um milhão de usuários, em dezembro de 2013, já contabilizava 500 milhões de perfis, crescendo na ordem de 15% a cada semana.

“Grindr” é um outro aplicativo, que pode ser usado no Android, iPhone, iPod touch, iPad, Blackberry OS, e que funciona como rede social, reunindo homossexuais, bissexuais e possíveis interessados em encontros afetivo-sexuais, de várias partes do mundo. Grindr foi criado por Joel Simkhai, e busca parceiros homossexuais para estabelecer relacionamento e, tal como o Tinder, serve-se da localização via GPS dos aparelhos que tem o aplicativo instalado. O primeiro passo é criar um perfil com foto e algumas informações básicas como idade, altura, etnia e uma pequena descrição. A partir de sua localização, o usuário poderá visualizar o perfil de até 100 pessoas que estiverem à sua volta, fazendo contato com quem lhe interessar. Além da versão gratuita, há a opção de pagar US\$ 0,99 pelo Grindr Xtra, que tem navegação mais simples e exibe até 200 perfis. De acordo com os números do próprio criador desse aplicativo, em 2012, o Grindr atingiu a marca de 4 milhões de usuários e atualmente são criados 10 mil novos perfis todos os dias.

A separação física entre aqueles que se relacionam virtualmente pode equivaler a uma distância geográfica grande ou pequena. Pode se



relacionar virtualmente com o vizinho de bairro ou com um morador do outro lado do mundo. A distância geográfica se tornou irrelevante na Internet, pois, o importante é que seus usuários se sentem como se estivessem se relacionando no mesmo espaço: o ciberespaço. Cabe ressaltar que, muitas das vezes, os usuários além de se relacionarem com desconhecidos, tantos outros utilizam a Internet para se relacionarem com pessoas que fazem parte de seus círculos sociais do mundo “real”. Ou seja, são pessoas que já se conhecem fisicamente e utilizam a Internet para se comunicarem umas com as outras.

A terceira característica – o anonimato – só se aplica para os relacionamentos virtuais entre usuários que não se conhecem do mundo “real”. É sabido que, na Internet, os usuários utilizam nicknames (apelidos) que os identificam na Rede. Raramente, encontram-se usuários que utilizam seus próprios nomes. Sendo assim, na maior parte das vezes, os usuários estão protegidos pelo anonimato (BEM-ZE’EV, 2004).

Contudo, esse novo formato da contemporaneidade possibilita um novo tipo de relacionamento, o virtual, a distância que facilita a evitação do compromisso e a obrigação de estar presente o tempo todo. Porém, toda essa transformação histórica, socioeconômica, religiosa e cultural ocorrida com o passar do tempo, faz com que entendamos os mecanismos de aproximação dos casais, ou seja, que os relacionamentos amorosos são dinâmicos e relevantes dentro de cada contexto, prática e expectativas.

Com tal aporte teórico, pode-se compreender a afirmação de Batten (1995) que diz que “o casamento por amor é um fenômeno relativamente recente e que também ocorre predominantemente no Ocidente” (p. 208).

Considerações finais

Seja em relação ao início do convívio, seja em relação à fase do namoro, seja em relação à manutenção do relacionamento rumo, ou não, a experiência de um relacionamento em longo prazo ou mesmo



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

em relação a separação dos casais, podemos observar que as alterações foram profundas e significativas. Percebe-se que essas mudanças se tornaram cada vez mais visíveis, influenciadas que foram pelos aspectos culturais, sociais e históricos. Nestas duas áreas grandes avanços aconteceram, que geraram repercussões substanciais tanto para a sociedade e para algumas famílias resultantes dessas relações. Contudo, frente às mudanças históricas, socioeconômicas, políticas, religiosas e culturais fica mais fácil entender a dinâmica de relacionamentos de cada geração. Fazendo-nos entender melhor essas manifestações que ocorreram ao longo do tempo. Apesar de tudo, muitas pessoas acreditam que quase nada mudou nas relações nessas décadas de história e mudanças sociais que tudo continua como antes e que estão insatisfeitos em seus relacionamentos. Goldenberg (2001) já dizia:

Mas se mudou tanto, porque ambos continuam insatisfeitos? Penso que a insatisfação permanente é inerente ao ser humano e não haverá nunca um relacionamento perfeito para os dois. Considerar a insatisfação como uma prova de que nada mudou me parece algo extremamente ingênuo. (p. 53)

Contudo, apesar de todas as mudanças, algumas coisas permanecem enraizadas em nossa sociedade e que muitas pessoas têm dificuldades para assimilar as mudanças. A cada vez mais, passa-se muito mais tempo a procurar que a encontrar e a manter quem se conhece e, conseqüentemente, as pessoas entram em um tal estado de ansiedade procura de alguém; uma pessoa qualquer que preencha este vazio.

Em um artigo, Carpenedo e Koller (2004), que pesquisaram os relacionamentos nas décadas de 40-50, 70-80 e 2000, as pesquisadoras dizem que:

Dentre as semelhanças dos relacionamentos nos três períodos estudados estão os sentimentos de pertença e posse. Estes sentimentos podem ser considerados intrínsecos as relações amorosas, uma vez que quando se ama alguém, se quer fazer parte da vida deste e há também o desejo de ter aquela pessoa só para si. (p. 11)



Mas podemos ter certeza de que houveram mudanças nessas décadas. Houveram alterações significativas na sociedade em seus aspectos histórico, social, político e cultural e no campo dos relacionamentos amorosos desde o início, à sua manutenção e possibilidades de ruptura, mudou, apesar de alguns sentimentos ainda permanecerem intrínsecos às pessoas. As relações e os casamentos deixaram de ter um aspecto puramente de interesse, seja este econômico, familiar ou social e passaram a ser motivações por amor.

Referências

AZEVEDO, T. **As regras do namoro à antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

BATTEN, M. **Estratégias sexuais: como as fêmeas escolhem seus parceiros**. Tradução Raquel Mendes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995.

BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASSANEZI, C. **Virando as páginas, revendo as mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEN-ZE'EV, A. **Amor em linha: emoções na Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

CARPENEDO, C; KOLLER, S. H. Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. **Interação em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 1-13, jan/jun. 2004.



Capítulo 2 - O desenvolvimento das relações amorosas:...

CHAVES, J. **“Ficar com” a individualização**: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia). PUC Rio, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 1993.

COSTA, A. M. N. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.1, n. 1, 2001.

GUEDES, D; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n. 2, set., 2006.

GUEDES, D. D.; PINHEIRO, C. Considerações acerca da vivência de solidão como fenômeno da sociedade ocidental moderna. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, 17 (1/2), 18(1/2), 58-64, 2000.

HICKMAN, T. **Un siècle d’amour charnel**. Paris: Éditions Blanche, 1999.

HUNT, M., **História natural do amor**. São Paulo: Ibrasa, 1963.

KELH, M. R. As duas décadas dos anos 70. In: RISÉRIO, A. et al. **Anos 70**: trajetórias. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 31-37.



LINS, R. N. **O livro do amor**: do iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012. v. 2.

MATOS, M., FÉRES-CARNEIRO, T., JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 21-31, 2005.

NÉRE, J. **História contemporânea**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1981.

NEVES, A. S. A. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, dez. 2007.

PERROT, M. **As mulheres e os silêncios da história**, Bauru: EDUSC, 2005.

RAMALHO, E. F. **Par Perfeito**: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos. 2005. Mestrado (Dissertação em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TANNAHILL, R. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

YALOM, M. **A história da esposa**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

